

---

---

# ELIPSE DO SV EM ESTRUTURAS PREDICATIVAS COM SER E ESTAR\*

---

---

Gabriela Ardisson Matos\*\*

## 0. Introdução

Os enunciados (1) e (2) ilustram, para o Português e o Inglês, o fenómeno de Elipse do SV em estruturas predicativas com verbos de "cópula".

- (1) a. O Xangai é um cavalo de corridas e o Fúria também é.  
b. A Maria é bonita mas o Pedro não é.
- (2) a. Stewball is a race horse and Seabiscuit is too. (cf. LOBECK 87 (VIII a))  
b. Mary is pretty but Peter isn't.

A caracterização das estruturas de Elipse do SV interage com o tratamento das construções predicativas em questão em cada uma destas línguas.

---

\* Agradeço a Inês Silva Duarte os comentários proveitosos que fez à primeira versão desta comunicação.

\*\* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

## **Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar**

De acordo com MATOS 85 e 86, os verbos predicativos 'ser' e 'estar' são verbos de elevação que  $\theta$ -marcam orações pequenas.

A serem transportas para o Português, as análises de Elipse do SV propostas para o Inglês revelam-se inconciliáveis com este tratamento. Com efeito, nesta língua, Elipse do SV só pode ser licenciada pela presença de verbos auxiliares, ou com um estatuto próximo do destes, e por 'to' infinitivo.

Procurarei demonstrar que a semelhança entre (1) e (2) é apenas aparente: as estratégias de Elipse do SV em Inglês e em Português são diferentes. A caracterização destas estruturas no Português é, pois, compatível com a análise de MATOS 85 e 86.

### **1. Elipse do SV em Inglês**

Em Inglês, Elipse do SV ocorre em frases em que todo o material à direita de um verbo auxiliar ou de um verbo de "cópula" (bem como de 'have' principal, no Inglês britânico) é omitido:

- (3) Sandy should go to Boston, and Betsy should, too. (SAG 80, (1.1.2. (c)) p. 11).
- (4) His friends already belong to the Club, and he will [-] soon. (SAG 80, (1.2.2. (1)), p. 16)
- (5) John loves Mary and Peter does, too. (SAG 80, (1.1.1. (a)), p. 10)

Elipse do SV é também licenciada em certos contextos pela partícula 'to' do infinitivo:

- (6) Betsy wanted to go home, but Peter didn't want to. (SAG 80 (1.1.4.), p. 12)

SAG salienta que 'to' ocorre na posição de auxiliar nas frases infinitivas. Assim sendo, deve ser considerado como um constituinte de FLEX(ÃO) – AUX, em SAG 80.

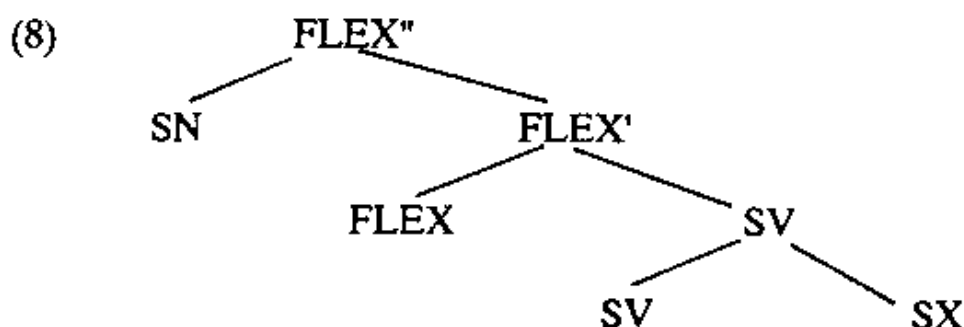
Elipse do SV não afecta apenas o V(erbo) e os complementos por ele subcategorizados, isto é V' em termos de JACKENDOFF 77.

Constituintes que em fases anteriores da literatura foram analisados como C.I. de F. podem também estar sob o seu escopo:

- (7) Mary can't go to Princeton<sub>i</sub> in the Fall, but she can [-]<sub>i</sub> in the Spring<sub>j</sub>, although if she does [-]<sub>j</sub>, those who expected her in the Fall will be very disappointed. (cf. SAG 80, (1.2.79), p. 46)

Em consequência deste facto, em versões anteriores da Gramática, Elipse do SV foi caracterizada como uma regra que afectava sequências (e não constituintes) à direita do nó FLEX.

No estágio actual da Gramática, nada obsta a que este fenómeno possa ser concebido como uma efectiva Elipse do SV incluindo neste nó, além do V e dos constituintes subcategorizados, constituintes adjuntos (cf. (8)):



Na década de 80, várias propostas de explicação destes factos foram avançadas, nomeadamente no seio de uma gramática regida por Princípios Universais e Parâmetros de Variação – cf. LOBECK 87 e ZAGONA 86.

## Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar

Assim, LOBECK 87 e ZAGONA 86 explicam as ocorrências de Elipse do SV em Inglês em termos do Princípio da Categoria Vazia (cf. (9)) e de dois factores que, ao serem preenchidos, concorrem para a concretização da Regência Estrita do SV vazio (cf. (10)):

- (9) Princípio da Categoria Vazia (=PCV)  
Uma categoria diferente de PRO tem de ser regida em sentido estrito. (cf. LOBECK 87 e ZAGONA 86)
- (10) Requisitos para Regência Estrita do SV vazio em Inglês:
- (i) FLEX tem de estar preenchida por um elemento verbal com o estatuto de auxiliar (ou quase auxiliar) ou por 'to'.
  - (ii) FLEX tem de estar positivamente especificada para os traços de Tempo.

LOBECK 87 e ZAGONA 86 propõem formas específicas de realização de Regência Estrita nestas estruturas que designam, respectivamente, por Regência por Especificador e por Regência-T(emporal).

Dado que ZAGONA 86 retoma no essencial as propostas de LOBECK 87, reformulando-as no quadro esboçado em CHOMSKY 86b, é a este último trabalho que me passarei a referir.

Recorde-se as definições de Regência Estrita e dos conceitos implicados, em CHOMSKY 86b:

- (11) Regência Estrita (CHOMSKY 86b, (31), p. 17)  
 $\alpha$  rege estritamente  $\beta$  sse a  $\theta$ -rege  $\beta$  ou  $\alpha$  rege por antecedente  $\beta$ .
- (12) Regência- $\theta$  (idem, (27), p. 15)  
 $\alpha$   $\theta$ -rege  $\beta$  sse  $\alpha$  for uma categoria de nível-zero que  $\theta$ -marque  $\beta$  e  $\alpha$  e  $\beta$  forem nós irmãos.

- (13) Regência (cf CHOMSKY 86b, (14), p. 8)  
 $\alpha$  rege  $\beta$  sse  $\alpha$  m-comanda  $\beta$  e não há nenhum  $\gamma$ , em que  $\gamma$  é uma barreira para  $\beta$ , que exclua  $\alpha$ .
- (14) m-comando (cf. idem, p. 8)  
 $\alpha$  m-comanda  $\beta$  sse  $\alpha$  não domina  $\beta$  e toda a projecção máxima  $\gamma$  que domina  $\alpha$  domina  $\beta$ .
- (15) Exclusão (cf. CHOMSKY 86b, (17), p. 9)  
 $\alpha$  exclui  $\beta$  se nenhum segmento de  $\alpha$  dominar  $\beta$ .  
 (Ex.: Dada uma configuração como (i),  $\alpha$  exclui  $\beta$  em (i))  
 (i)  $\dots\beta\dots[\underset{\alpha}{\gamma}[\dots\underset{\alpha}{\delta}\dots]]$ .
- (16) Barreira (CHOMSKY 86b, (26), p. 14)  
 $\gamma$  é uma barreira para  $\beta$  sse (i) ou (ii):  
 (i)  $\gamma$  domina imediatamente  $\delta$ , sendo  $\delta$  uma Categoria Bloqueadora para  $\beta$ ;  
 (ii)  $\gamma$  é uma categoria bloqueadora para  $\beta$ , se  $\neq$  SFLEX.
- (17) Categoria Bloqueadora (=CB) (idem, (25), p. 14).  
 $\gamma$  é uma CB para  $\beta$  sse  $\gamma$  não for L-marcado e  $\gamma$  dominar  $\beta$ .
- (18) L-marcação (cf. CHOMSKY 86b, (28) e (47), pp. 15 e 24).  
 $\alpha$  L-marca  $\beta$  sse  $\alpha$  for uma categoria lexical que  $\theta$ -rege  $\beta$  ou  $\beta$  concordar com o núcleo de  $\gamma$  que é  $\theta$ -regido por  $\alpha$ .

A motivação para dar conta da distribuição de Elipse do SV em Inglês em termos de Regência Estrita é fornecida pelas construções de cliticização de auxiliar:

- (19) a. John's left and Bill has [-] too. (ZAGONA 86, (57)).  
 b. \*John's left and Bill's [-] too. (ZAGONA 86, (56)).

Segundo ZAGONA, a cliticização do aspectual no sujeito deixa FLEX vazia, impossibilitando-a de T-reger o SV vazio, provocando assim uma violação de PCV.

## Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar

ZAGONA define Regência-T nos seguintes termos:

- (20) Regência-T (Regência Temporal) (ZAGONA 86, (35), p. 13)

$\alpha$  T-rege  $\beta$  se  $\alpha$  for uma categoria de nível-zero que detém traços de tempo,  $\alpha$  T-marca  $\beta$  e  $\alpha$  e  $\beta$  são nós irmãos.

A T-marcação consiste na atribuição de um índice de tempo (T) ao SV por parte de FLEX:

Em termos do seu conteúdo, a T-marcação formaliza a relação entre FLEX e o seu complemento, o SV: a referência temporal de FLEX restringe a referência do predicado.

De acordo com ZAGONA, essa T-marcação pode ser feita por dois mecanismos distintos:

- (21) Mecanismos de T-marcação (cf. ZAGONA 86, (25), p. 9)

- (i) a nível do núcleo, pela presença de um afixo.

$$\begin{array}{l} \{ [ \alpha \text{ Tempo} ] [ [ V^T ] ] \} \\ \text{FLEX} \quad \text{SV} \quad \text{SV} \end{array}$$

(Existente no Inglês e em línguas de flexão rica como o Castelhanao)

- (ii) a nível sintagmático, por L-marcação do SV

$$\begin{array}{l} \{ [ \alpha \text{ Tempo} ]^T [ V \dots ] \} \\ \text{FLEX} \quad \quad \quad \text{SV} \end{array}$$

(Só existente no Inglês).

No entanto, só quando FLEX é lexicalizada por verbos auxiliares ou por 'to'-infinitivo é que essa L-marcação se verifica.

Em Inglês, só um elemento verbal pode lexicalizar FLEX:

(22) \*John has read Hemigway and Bill too (ZAGONA 86, (61)).

Por outro lado, como a agramaticalidade de (23) atesta, só um verbo sem estrutura temática pode T-reger um predicado nulo em Inglês:

(23) \* John should get rich and Bill may get, too. (ZAGONA 86, (69a))

Em suma, se Elipse do SV em Português apresentasse as mesmas propriedades que a caracterizam em Inglês, como o paralelismo dos enunciados (1)–(2), aqui repetidos, parece sugerir, os verbos predicativos 'ser' e 'estar' deveriam ser caracterizados como "quase-auxiliares" e a análise destas construções de MATOS 85 e 86 ficaria inviabilizada.

(24) a. O Xangai é um cavalo de corridas e o Fúria também é. (= (1)a.)

b. A Maria é bonita mas o Pedro não é. (= (1)b.)

(25) a. Stewball is a racehorse and Seabiscuit is too. (= (2)a.)

b. Mary is pretty, but Peter isn't. (= (2)b.)

## 2. Elipse do SV em Português

### 2.1. Contrastes entre o Português e o Inglês

Em Português, frases como (26)–(29) exibem aparentemente a estrutura característica da Elipse do SV em Inglês:

(26) O João é inteligente e a Maria também é.

(27) O João tem lido muitos livros e a Maria também tem.

(28) O João está a escrever um livro e a Maria também está.

(29) O João pode ter estado a escrever um livro e a Maria também pode.

No entanto, os contrastes de gramaticalidade entre (30) e (31) mostram a especificidade deste fenómeno em cada uma destas línguas.

## Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar

- (30) a. John loves Mary and Peter does, too. (=5)  
b. \* O João ama a Maria e o Pedro também faz.
- (31) a. John hasn't met my brother yet, but (he) will soon.  
(cf. SAG 80, (1.2.2.(4)), p. 17)  
b. \* A Maria não tem visto o meu irmão ultimamente,  
mas vai em breve.

Consideremos o exemplo (30.b):

O primeiro motivo da sua agramaticalidade prende-se com o facto de o Português não possuir um auxiliar 'suporte' equivalente ao 'do-support' Inglês.

O Português tem um verbo 'fazer' correspondente ao 'do' Inglês que surge nas construções de 'do so' e de 'do it', mas este não pode ser caracterizado como um verbo de 'suporte', pois apresenta um conteúdo predicativo definido (cf. MATOS 85, cap.3, pp. 73-77). Daí o contraste de gramaticalidade entre (32.a) e (32.b):

- (32) a. O João foi ao cinema e a Maria também o fez.  
b. \* O João gosta da Maria e o Pedro também o faz.

Note-se ainda que frases como (32.a) não podem sofrer Elipse do SV:

- (33) \* João foi ao cinema e a Maria também fez.

A agramaticalidade de (33) clarifica o segundo motivo da má-formação de (30.b): a sequência verbal licenciadora de Elipse do SV em Português tem de ser idêntica à sequência verbal do seu antecedente (cf. (34)):

- (34) O João ama a Maria e o Pedro também ama.



Consideremos (31.b):

A sua agramaticalidade mostra que, pelo menos nas frases coordenadas, este requisito se estende aos verbos auxiliares.

Finalmente, no Português, os verbos nestas estruturas encontram-se preferencialmente no mesmo tempo, ao contrário do que acontece no Inglês:

- (35) a. \* O João já tinha lido muitos livros nessa altura, mas a Maria também tem daí para cá.  
b. O João foi ao cinema com a Maria ontem e a Teresa também vai, hoje.  
c. Peter is complaining about the noise, but John won't.  
(SAG 80, (1.2.2.(c)), p. 11)

Em suma:

O que estes dados sugerem é que a Elipse do SV em Português é sobretudo um processo que visa restabelecer na expressão elíptica a *identidade da predicação* expressa no antecedente. Fazem parte dessa identidade a referência temporal que circunscreve o predicado, e as nuances modais e aspectuais introduzidas pelos verbos auxiliares.

## 2.2. Estratégias de Elipse do SV em Português

A impossibilidade de frases como (36), encontra alternativas gramaticais em Português em frases como (37) e (38):

- (36) \* O João ama a Maria e o Pedro também faz. (= (30.b))  
(37) O João ama a Maria e o Pedro também ama.  
(38) O João ama a Maria e o Pedro/ele também.

Note-se, de passagem, que os juízos de gramaticalidade são exactamente inversos para o Inglês:

- (39) John loves Mary and Peter does, too. (= (5))

## Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar

- (40) \* John loves Mary and Peter loves, too.  
(41) \* John loves Mary and Peter/he, too.

Antes de proceder à caracterização de cada uma destas estratégias de Elipse do SV, passo a distinguir este fenómeno, tal como ele se manifesta em frases como (37), da construção de objecto nulo com que, em certos contextos, se confunde (cf. (42)):

- (42) Alguém leu este livro?  
A Maria leu [-].

### 2.2.1. Elipse do SV e Objecto Nulo

Sobre a distinção entre a Elipse do SV em frases como (43) e a construção de Objecto Nulo (cf. (44)), seguirei a argumentação de RAPOSO 86.

Segundo RAPOSO 86, Objecto Nulo distingue-se de Elipse do SV pelas seguintes propriedades:

- (43) Propriedade de Objecto Nulo vs Elipse do SV em Português:  
(i) Objecto Nulo afecta só o objecto directo do verbo. Elipse do SV afecta todo o SV (cf. (44) vs (45)).  
(44) A Joana viu os rapazes na televisão ontem e a Maria também viu [-]SV.  
(45) A Joana viu [-]SN na televisão ontem (RAPOSO 86, (1), p. 373).  
(ii) Objecto Nulo é um caso de anáfora pragmaticamente controlada, na acepção de HANKAMER e SAG 76 – isto é, um contexto pragmático adequado permite que um enunciado como (45) seja interpretado como uma frase bem-formada.  
Não é, contudo, óbvio que Elipse do SV possa ser pragmaticamente controlada:

(46) [Contexto: numa sala alguém conta histórias a uma criança. Uma outra pessoa entra na sala e diz:]

?? - A Maria também lê [-].

Em (46), lê [-] = lê histórias a crianças/a uma criança específica.

(iii) Objecto Nulo é sensível a violações de subjacência.  
Elipse do SV não:

(47) a. [Contexto: Alguém, pensando nos bolos que estão em cima da mesa, diz:]

\* - O rapaz que trouxe [-] mesmo agora da pastelaria era o teu afilhado [-]. (cf. RAPOSO 86, (17.b), p. 382)

b. [ O rapaz [ que trouxe [-] ...]]  
SN                   SCOMP

(48) a. O João foi ao cinema hoje e a Maria conhece um rapaz que também foi [-].

b. ... e a Maria conhece [ um rapaz  
SN

[ que também foi [-]]]  
SCOMP                   SV

As estruturas (47.b) e (48.b) mostram que os mesmos nós-Fronteira estão implicados nas frases (47.a) e (47.b).

Estes dados permitem distinguir as construções de Objecto Nulo e de Elipse do SV e parecem sugerir que o SV nulo não resulta de um movimento na Sintaxe da categoria SV.

## Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar

### 2.2.2. As duas estratégias alternativas de Elipse do SV em Português

Como vimos, em Português há duas estratégias de Elipse do SV: a primeira reside na omissão de todo o material à direita de um verbo; a segunda consiste na omissão de tudo o que ocorre à direita de um advérbio como 'também' e 'não' (cf. (37) e (38)).

As construções predicativas com 'ser' e 'estar' não fogem a este esquema, como o atestam as frases seguintes:

(49) O João é simpático e a Maria também é.

(50) O João é simpático e a Maria também.

Embora possam co-correr, como acontece nos exemplos (51), as duas estratégias de Elipse do SV em Português encontram-se, noutros contextos, em distribuição complementar – veja-se os exemplos (52) e (53):

(51) a. O João vai ao cinema e a Maria *também vai*.

b. O João (*não*) *vai* ao cinema sem que a Maria *também vá*.

(52) a. O João *não vai* ao cinema e a Maria *vai*.

b. \* O João *vai* ao cinema e a Maria *vai*.

c. O João *vai* ao cinema e a Maria *também*.

(53) a. O João (*não*) *vai* ao cinema sem que a Maria *vá*.

b. \* O João (*não*) *vai* ao cinema sem que a Maria *também*.

Enquanto nas frases coordenadas as duas estratégias de Elipse do SV são possíveis, nas subordinadas apenas uma, a da explicitação do elemento verbal, é permissível – repare-se que, dada a gramaticalidade de (52.a), a má-formação de (52.b) não deve ser atribuída a factores sintácticos.

2.2.3. As hipóteses de tratamento de Elipse do SV em Português

2.2.3.1. O licenciador do SV nulo como Operador de Referência de Predicação

O contraste entre (54) e (55) mostra que o valor, essencial do licenciador adverbial de Elipse do SV não se prende com o conteúdo temporal da predicação (logo, com o constituinte Tempo de FLEX) mas sim com o valor predicativo do SV com que FLEX está, por Regência e pela Regra de Vinculação do predicado, (cf. (56)) associada.

- (54) a. O João foi ao cinema hoje e a Maria também (= (52)).  
b. O João foi ao cinema hoje, mas a Maria não.

- (55) a. \* O João foi ao cinema hoje e a Maria já/ainda.  
b. \* O João foi ao cinema hoje e a Maria nunca.

- (56) Regra de Vinculação do Predicado (ing. Rule of Predicate-linking)  
a. Todo o SX não  $\theta$ -marcado deve ser associado em Estrutura-S a um argumento que o m-comande imediatamente e que ele imediatamente m-comande.  
b. A vinculação é uma relação orientada. (Ex.: no Inglês e no Português ela opera da direita para a esquerda). (cf. ROTHSTEIN 85, (8), p. 11)

Com efeito, estes adverbiais temporo-aspectuais só podem ocorrer em construções de Elipse do SV quando de algum modo associados a um adverbial como 'não':

- (57) a. ? O João foi ao cinema hoje e a Maria *ainda não*.  
b. O João *já* foi ao cinema hoje e a Maria *ainda não*.  
c. O João *ainda não* foi ao cinema hoje, mas a Maria *já*.

Um fenómeno idêntico se verifica em frases em que a Elipse do SV é licenciada por um elemento verbal: é impossível auxiliares temporo-

## Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar

aspectuais sancionarem por si sós SVs nulos. Só a sua associação com um elemento predicativo torna as frases bem-formadas.

Os exemplos (58) e (59) mostram que os verbos auxiliares podem ocorrer nas construções de Elipse do SV:

- (58) (a) O João tem lido muitos livros e a Maria também tem.  
(= (27))  
(b) O João está a escrever um livro e a Maria também está.  
(= (28))  
(c) O João pode ter estado a escrever um livro e a Maria também pode (= (29))
- (59) a. O João não tem lido muitos livros ultimamente, mas a Maria tem.  
b. O João não tem ido ao cinema sem que antes a Maria tenha.

No entanto, o contraste entre (60) e (61) evidencia que, por si sós, eles não são licenciadores do SV nulo – têm de estar associados a um adverbial como 'não' ou 'também' (cf. (58)) ou a um verbo com grelha temática (cf. (61)), ainda que este não se encontre lexicalmente realizado, mas seja recuperado por uma total identidade com o complexo verbal da frase antecedente (cf. (59)).

(60) \* O João não vai ao cinema sem que antes a Maria tenha.

(61) O João não vai ao cinema sem que antes a Maria tenha ido.

Em síntese:

No Português Elipse do SV só é legitimada por predicadores verbais ou por elementos que captem a referência predicativa do SV.

De facto, dado o seu conteúdo e funcionamento, os adverbiais 'não' e 'também' nas construções de Elipse do SV devem ser caracterizados como Operadores de Referência de Predicação: (i) Operador de Co-referência de Predicação, no caso de 'também'; (ii) Operador de Referência Disjunta de Predicação, no caso de 'não'.

2.2.3.2. Posição dos licenciadores

O facto de tanto os Operadores de Referência de Predicação, como os predicadores verbais licenciarem Elipse do SV em Português, leva-me a colocá-los, pelo menos em Estruturas-S, em FLEX.

Com efeito, só nesta posição eles podem c-comandar na sintaxe o SV nulo e a FLEX sobre que têm escopo.

No caso de Elipse do SV sancionada por elementos verbais, tal significa dizer que estamos perante estruturas de Subida do Verbo para FLEX.

Assim, nos seus aspectos relevantes, (63) é a representação de estrutura-S de (62):

- (62) ... sem que a Maria vá. (cf. (53.a))  
 (63) ... sem que [ FLEX\* SN a Maria ] [ ir<sub>k</sub> + FLEX ] [ v<sub>k</sub> ] SV<sub>k</sub>.

Em (63), v<sub>k</sub> é o vestígio deixado pelo movimento do verbo.

Quanto aos casos de Elipse do SV com Operadores de Referência Predicativa, os seguintes argumentos aduzem a favor do enquadramento básico dos referidos adverbiais como nós irmãos de FLEX, isto é, a favor de estruturas como (64.b):

- (64) a. ... e a Maria também. (cf. (52))  
 b. ... e [ FLEX\* SN a Maria ] [ também<sub>p</sub> FLEX ] [ - ] SV<sub>p,r</sub>.

Em (64.b), 'também' encontra-se coindexado com o SV (índice p), que, pela Regra de Vinculação do Predicado (cf. (56)), se encontra, por sua vez, coindexado com a FLEX' (índice r).

Considerem-se os argumentos a favor de um engendramento básico dos adverbiais 'não' e 'também' em FLEX:

## Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar

- (i) Em frases interrogativas com Subida de Verbo para COMP o operador de negação é transportado para COMP com o verbo flexionado:

- (65) a. Quem não terá o João cumprimentado?  
b. \* Quem terá o João não cumprimentado?

- (ii) Em frases coordenadas, contrariamente ao que acontece no Inglês, a posição menos marcada para estes adverbiais é imediatamente antes do verbo flexionado:

- (66) a. O João leu esse livro e a Maria também leu.  
b. ? O João leu esse livro e a Maria leu também.

- (iii) Em frases coordenadas, estes elementos licenciam, possivelmente indirectamente, por coindexação com o SV, uma FLEX não lexicalmente realizada mas efectivamente existente e susceptível de atribuir caso nominativo:

- (67) a. O João vai ao cinema e a Maria também/não.  
b. \* O João vai ao cinema e a Maria.  
c. O João vai ao cinema e eu também.

### 2.2.3.3. Estratégias de licenciamento formal do SV nulo

Considere-se o caso das estruturas de Elipse do SV com Subida de Verbo:

- (68) O João não vai ao cinema sem que a Maria vá.



Nestas frases há a considerar o licenciamento de duas categorias vazias – o vestígio do verbo movido e o SV nulo.

O vestígio do verbo é legitimado por Regência Estrita, sob a forma de Regência por antecedente – o verbo movido, ao estar coindexado com o núcleo regido por FLEX com o qual se amalgamou, L-marca o SV, tornando esta projecção máxima transparente a Regência. Nestas circunstâncias Regência por antecedente pode efectivar-se.

Quanto ao SV nulo, ele é sancionado por coindexação com uma FLEX lexicalizada que actua como um regente do SV.

Repare-se que não se está a dizer que o SV nulo é licenciado por Regência Estrita sob a forma de Regência- $\theta$ . De facto é controverso que Regência- $\theta$  integre Regência Estrita (cf. CHOMSKY 86b) ou mesmo PCV se aplique a categorias vazias não provenientes de movimento.

Ora a não obediência das estruturas de Elipse do SV à condição de Subjacência sugere que, pelo menos até estrutura-S, não se verifica movimento de SV nulo (cf. (69)):

- (69) O João foi ao cinema hoje e a Maria conhece um rapaz que também foi [-]. (=48.a)  
SV

Acrescente-se ainda que não faz sequer sentido dizer que o V movido é um  $\theta$ -regente do SV, pois, no mínimo, não se saberia imaginar que relação temática ele atribuiria ao SV.

No caso das estruturas de Elipse do SV com Operadores de Referência de Predicação, não há qualquer movimento na Sintaxe. Do mesmo modo, é difícil supôr que os advérbiais 'não' e 'também' pertençam ao elenco das categorias lexicais classicamente restringidas aos núcleos N, V, A e P.

## **Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar**

Consequentemente, o SV nulo nestas frases não é legitimado nem por Regência Estrita, nem sequer por Regência de um núcleo lexical, mas por coindexação com um Operador de Referência de Predicação (num contexto de regência por FLEX, de que o SV é o "complemento").

Repare-se que esta situação é paralela à do licenciamento formal de 'pro' por um clítico ou por AC(ORDO) pronominal em línguas de Sujeito Nulo. Daí que não seja estranho que o mesmo processo de licenciamento formal esteja em jogo, ainda que as categorias vazias legitimadas possam não ter eventualmente exactamente as mesmas propriedades.

Admito que esse processo de licenciamento é a relação que RIZZI 86 designou por 'Ligação por Núcleo' (ing. head binding).

Assim, qualquer das estratégias de SV nulo em Português é formalmente licenciada por Ligação por Núcleo:

- (i) por coindexação com uma FLEX lexicalizada com um predicador verbal (ou com um verbo auxiliar que claramente o recupere (cf. 2.2.3.1)).
- (ii) por coindexação com um Operador de Referência de Predicação.

Sendo, embora por vias diferentes, manifestações do mesmo processo de licenciamento formal – Ligação por Núcleo –, coloca-se o problema de saber por que é que as duas estratégias de Elipse do SV se encontram em certos contextos em distribuição complementar.

### **2.2.3.4. Divergências estruturais entre frases coordenadas e subordinadas**

O exemplo (70.b) ilustra a impossibilidade de Operadores de Referência de Predicação sancionarem por si sós SV nulos.

- (70) a. O João vai ao cinema e a Maria *também*.  
b. \* O João não vai ao cinema sem que a Maria *também*.

Considero, contudo, que o contraste entre (70.a) e (70.b) não tem a ver com o licenciamento formal do SV, mas sim da FLEX nula.

De facto, admito com CHOMSKY 86b que, relativamente às categorias de nível-zero, isto é aos núcleos, a posição de núcleo é uma posição-A(rgumental).

Assim é possível assumir que uma FLEX nula se comporta como uma anáfora basicamente engendrada.

Enquanto anáfora, FLEX nula está sujeita ao Princípio A da Teoria da Ligação (cf.(71)):

- (71) Princípio A (Teoria da Ligação):  
Uma anáfora é ligada no domínio da sua categoria regente.  
(cf. CHOMSKY 86a, pp. 171-172)

Recorde-se o conceito de categoria regente:

- (72) Categoria Regente  
A categoria regente de um elemento  $\beta$ , e o Complexo Funcional Completo em que  $\beta$  tem um regente e um SUJEITO acessível com o qual possa ser coindexado. (cf. idem)

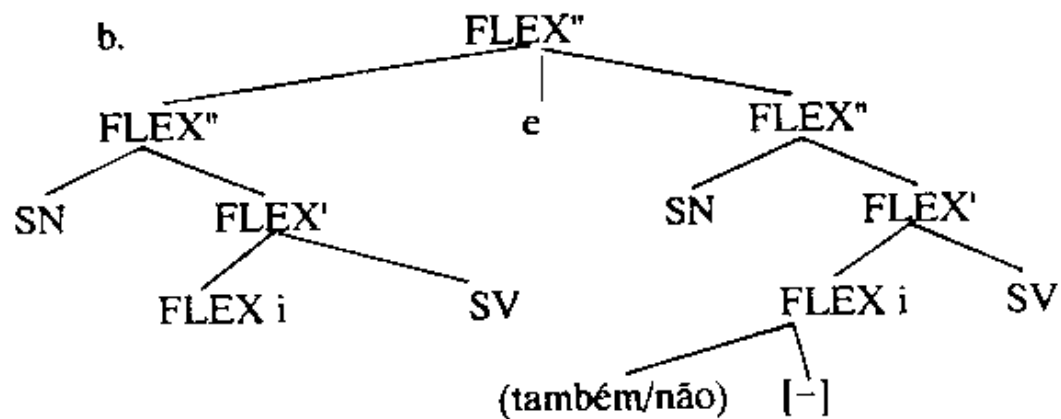
Admitamos, como alguns linguistas têm sugerido (cf., por exemplo, ABNEY 87), que o núcleo funcional de uma estrutura coordenada é a conjunção. Nestas circunstâncias é de certo modo plausível admitir que ela e o "regente" da estrutura coordenada no seu todo, bem como do seu núcleo - no caso de estruturas de coordenação frásica, os núcleos FLEX.

## Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar

É, pois, na projecção máxima mais elevada de FLEX que FLEX nula encontra a sua categoria regente e é nela que, enquanto anáfora, ela tem de ser ligada. É-o pelo seu SUJEITO acessível – FLEX-zero do primeiro conjunto.

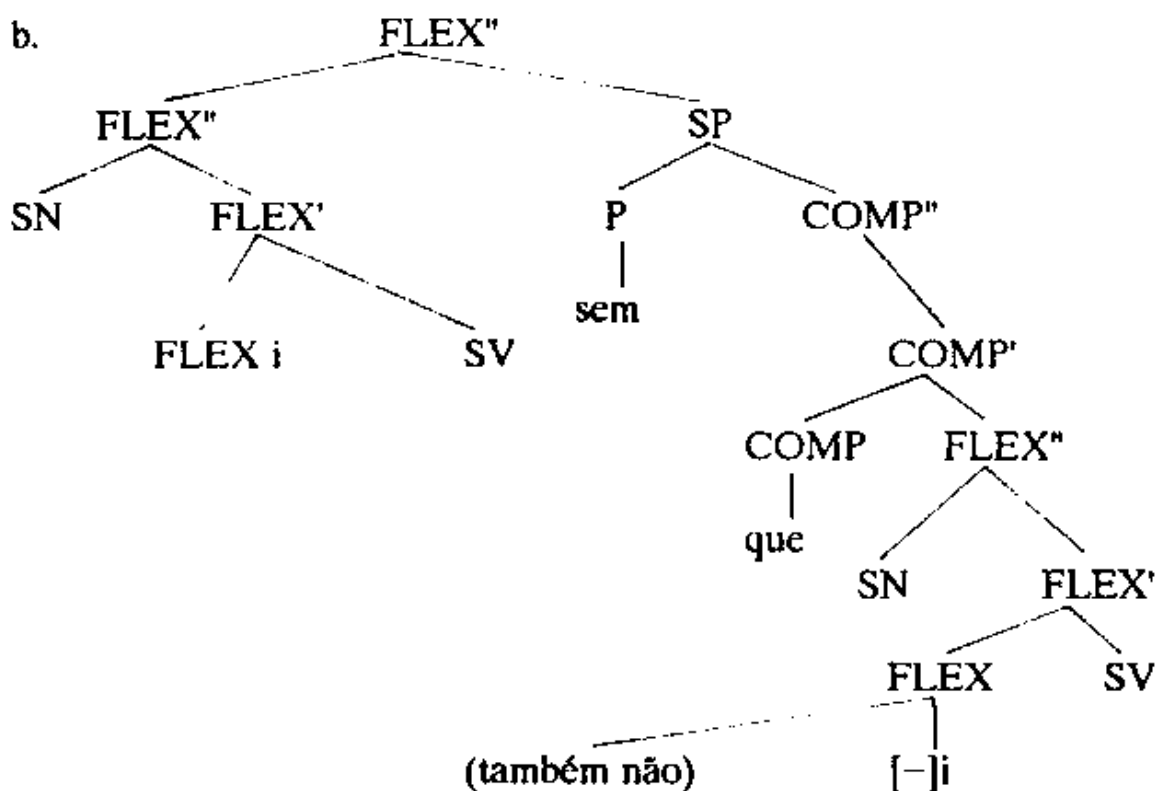
Esquemmatizando:

(73) a. O João vai ao cinema e a Maria também (= (70.a))



No caso das estruturas de subordinação, dada a interferência do nó COMP, o núcleo FLEX da frase subordinante não pode funcionar como o SUJEITO acessível de uma FLEX nula na frase subordinada e as frases com FLEX nula são excluídas por violarem o Princípio A da Teoria da Ligação (cf.(74)):

(74) a. \* O João não vai ao cinema sem que a Maria também (= (70.b))



### 3. A Elipse do SV em Português e as Construções Predicativas de 'ser' e 'estar'

#### 3.1. O Conceito de Oração Pequena

A concepção mais generalizada de orações pequenas define-as como estruturas que manifestam a relação de predicação Sujeito-Predicado, não tendo embora FLEX como núcleo.

É esta última propriedade que crucialmente as distingue das orações frásicas em línguas funcionais. (cf. CHUNG e McCLOSKEY 87, RAPOPPORT 87).

Tem sido prática corrente de muitos linguistas captar a relação de predicação das orações pequenas em termos de estrutura sintáctica (cf. CHOMSKY 81 e 83 STOWELL 81, 83 e 86): isto é, as orações pequenas são constituintes sintácticos.

## Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar

Admite-se que em línguas como o Inglês (e o Português) a natureza categorial das orações pequenas é determinada pelo seu núcleo – uma projecção máxima de uma categoria lexical – (cf. CHOMSKY 81 e 86b, RAPOPORT 87, STOWELL 81, 83 e 87 e MATOS 85 e 86), e que na sua globalidade constituem projecções máximas dessas mesmas categorias (cf. STOWELL 83, MATOS 85 e 86, CHOMSKY 86b).

De acordo com ROTHSTEIN 85, RAPOPORT 87 e STOWELL 87, a distribuição das orações pequenas é determinada por princípios universais que regem as estruturas de predicação e por parâmetros de variação que definem tipologicamente as línguas.

De entre os primeiros destacarei a Regra de Vinculação do Predicado, de ROTHSTEIN 85, inicialmente formulada tendo especificamente em vista o Inglês, (cf.(75)); de entre os segundos, a Condição de Visibilidade Alargada avançada em RAPOPORT 87 (cf. (76)):

- (75) Regra de Vinculação do Predicado (=56)).
- a. Todo o SX não  $\theta$ -marcado deve ser associado em estrutura-S a um argumento que o m-comande imediatamente e que ele imediatamente m-comande.
  - b. A vinculação é uma relação orientada. (Ex.: no Inglês e no Português ela opera da direita para a esquerda). (cf. ROTHSTEIN 85, (8), p. 11).

- (76) Condição de Visibilidade Alargada  
Os atribuidores de relações temáticas têm de estar visíveis em FL para serem sancionadas as relações temáticas que atribuem.  
(cf. RAPOPORT 87, p. 249).

Segundo RAPOPORT 87, a Condição de Visibilidade manifesta-se nas línguas funcionais – isto é, nas línguas que requerem que as projecções máximas das categorias lexicais sejam 'fechadas' por projecções máximas de

categorias funcionais –, e requer que os atribuidores de relações temáticas estejam associados a um núcleo funcional.

De acordo com esta linguista, é este facto que explica a ausência de orações pequenas matriz nestas línguas, diferentemente do que acontece, por exemplo, em Hebreu Moderno:

- (77) a. \* O João simpático.  
b. O João é simpático.

- (78) ha-yeled studente (o-rapaz estudante). (RAPOPORT 87 (5.a), p. 30).

A possibilidade de orações pequenas encaixadas nas línguas funcionais (cf. (79)) é, porém, facultada, nos termos de RAPOPORT 87, por um processo de reestruturação com o verbo que as subcategoriza. Este 'predicado complexo', ao ter acesso ao núcleo funcional FLEX, vê licenciada a sua  $\theta$ -marcação [compósita].

- (79) O João considera a Maria simpática.

Repare-se que, contrariamente ao que RAPOPORT afirma – a aceitação da Condição de Visibilidade em línguas funcionais – nas quais é possível que se venha a incluir o Português –, não leva forçosamente à caracterização de verbos como 'ser' e 'estar' como verbos de cópula, meros suportes das marcas da categoria funcional FLEX.

De facto, estes verbos podem ser analisados nalgumas línguas como verbos plenos que  $\theta$ -regem orações pequenas, sendo eventualmente os núcleos predicativos presentes sujeitos a um processo de Reestruturação em FL (cf. para o Inglês, a proposta de STOWELL 87, por exemplo).

Os dados do Português favorecem esta última perspectiva.

### 3.2. O Tratamento de MATOS 85 e 86

A análise de MATOS 85 e 86 assenta essencialmente na comparação entre as orações pequenas seleccionadas por verbos de Marcação de Caso Excepcional (ex.: considerar) e as orações pequenas seleccionadas por verbos de elevação, aos quais são reconduzidos os chamados verbos de cópula, em Português.

As propostas de MATOS 85 e 86 para as orações pequenas seleccionadas por verbos de Marcação de Caso Excepcional revelam-se inteiramente conciliáveis com a análise que CHOMSKY 86b fornece para estas estruturas no Inglês: são projecções máximas L-marcadas pelo verbo que as subcategoriza.

É essa L-marcação (cf. (18)) que, por "concordância entre o núcleo da oração pequena e o seu argumento externo" permite a atribuição de caso acusativo ao Sujeito da oração pequena (cf. (80)).

(80) O João considera-a simpática.

A análise das orações pequenas com 'ser' e 'estar' é, contudo, diferente da sugerida por CHOMSKY 86b para 'be'. Essa diferença é, aliás, inteiramente fundamentada, a ajuizar pelos dados fornecidos por Elipse do SV em cada uma destas línguas.

Passarei seguidamente a demonstrar que a análise de MATOS 85 e 86 é empiricamente motivada e teoricamente fundamentada/fundamentável:

Como disse, neste trabalho defende-se que os verbos 'ser' e 'estar' são verbos plenos de Elevação que  $\theta$ -marcam orações pequenas.

De facto, se a Condição de Visibilidade é um critério para "detectar" argumentos, há que admitir que a oração pequena é um argumento dos verbos em questão, face à existência de frases como (81):

(81) Simpática, a Maria sempre o foi.



A impossibilidade de o clítico 'o' ocorrer em contextos de marcação casual diferentes de acusativo, inviabiliza a hipótese de ele ter caso inerente, pelo menos, diferente de acusativo, ou de ser neutro relativamente à marcação casual:

- (82) O João disse-o.
- (83) \* O João gosta-o. (cf. O João gosta disso).
- (84) \* Aconteceu-o ontem. (cf. Aconteceu isso ontem/Isso aconteceu ontem)

Assim teremos de concluir que em (81) é o verbo 'ser' que atribui caso acusativo ao clítico.

Esse caso percola para o núcleo do argumento do verbo, isto é a oração pequena por ele L-marcada em termos de Regência  $\theta$ -.

Sendo o verbo um verbo de elevação, o argumento externo eleva-se para a posição de Sujeito frásico, e o seu vestígio é licenciado, em termos do PCV, por Regência por antecedente - com efeito, sendo L-marcada, a oração pequena não opera como uma barreira.

Note-se, contudo, que o facto de se caracterizar os verbos 'ser' e 'estar' como, simultaneamente, verbos de atribuição de caso e verbos de elevação, vai contra a Generalização de Burzio que estipula o seguinte:

- (85) Generalização de Burzio (cf. BURZIO 86)  
Um verbo que atribui caso ao seu complemento,  $\theta$ - marca a posição de sujeito.

A Generalização de Burzio não é, porém, mais do que a formulação de uma regularidade empírica baseada no comportamento dos verbos ergativos. Enquanto regularidade empírica, ela deve ser reajustada para dar conta dos dados que inicialmente estavam fora do seu escopo.

## Elipse do SV em estruturas predicativas com ser e estar

Com efeito, vários linguistas, entre eles BORER 86 e ELISEU 84, apresentam dados de diferentes línguas que contradizem a citada Generalização.

No Português, encontram-se nestas circunstâncias, além dos verbos de elevação, 'haver' impessoal:

- (86) Não acredito em bruxas, mas que *as* há, há. (ELISEU 84, (124.b)).
- (87) Livros, havia-os por toda a parte.

---

## REFERÊNCIAS

---

- ABNEY (1987) *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Dissertação de PhD. MIT: Cambridge, Mass.
- BORER (1986) "I-Subjects", *Linguistic Inquiry*, 17:3.
- BURZIO (1986) *Italian Syntax: a Government-Binding Approach*. Dordrecht: Reidel.
- CHOMSKY (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications.
- CHOMSKY (1986b) *Barriers*. Cambridge, Mas: the MIT Press.
- CHOMSKY (1986a) *Knowledge of Language: its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger.
- CHUNG e McCLOSKEY (1987) "Government, Barriers and Small Clauses in Modern Irish", *Linguistic Inquiry*, 18:2, pp. 173-237.
- ELISEU (1984) *Verbos Ergativos do Português: descrição e análise*. Trabalho de Síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.
- FUKUI e SPEAS (1987) "Specifiers and Projection", *Working Papers in Linguistics* 8. Cambridge, Mass.: MIT.
- HANKAMER e SAG (1976) "Deep and Surface Anaphors". *Linguistic Inquiry*, 7:3.

- JACKENDOFF (1977) *X'-Syntax: A Study of Phrase Structure*. Cambridge, Mass.: the MIT Press.
- LOBECK (1987) *Syntactic Constraints on VP Ellipsis*. Indiana: IULC.
- MATOS (1985) *Clítico Verbal Demonstrativo*. Trabalho de Síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.
- MATOS (1986) *Construções Predicativas*. Comunicação apresentada ao "II Colóquio de Estudos Linguísticos", Évora: Universidade de Évora.
- POLLOCK (1987) "Sur la syntax comparée de la négation de phrase en français et en anglais; déplacement du verbe et grammaire universelle".
- RAPOPORT (1987) *Copular, nominal and small clauses: a study of Israeli Hebrew*. Dissertação de PhD., Cambridge, Mass: MIT.
- RAPOSO (1986) "On the Null Object in European Portuguese", JAEGGLI e SILVA-CORVALAN (eds) (1986) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris Publications.
- RIZZI (1986) "Null Objects in Italian and the Theory of pro". *Linguistic Inquiry*, 17:3.
- ROTHSTEIN (1985) *The Syntactic Forms of Predication*. IULC: Indiana.
- SAG (1980) *Deletion and Logical Form*. New York: Garland Publishing Inc.
- STOWELL (1981) *Origins of Phrase Structure*. Dissertação de PhD. Cambridge, Mass: MIT.
- STOWELL (1983) "Subjects Across Categories". *The Linguistic Review*, 213.
- STOWELL (1987) "Small Clause Restructuring". ms UCLA.
- ZAGONA (1986) "Proper Government of Antecedentless VP in English and Spanish" (1ª versão de um artigo com o mesmo título publicado em (1988), em *Natural Language and Linguistic Theory*, vol. 6, nº 1, pp. 95-128).